



IGREJA METODISTA DE VILA ISABEL

JORNAL da VILA

www.metodistavilaisabel.org.br/jornaldavila

Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 2012 - Ano XXXI - Nº. 1.558

Primeira pastora nomeada para a Vila tomou posse na Congregação do Cocotá

Foto: Patrícia Pires



Após tomar posse como responsável por nossa Congregação no Cocotá, a Revda. Lídia Nogueira e sua família (as filhas Geannetti e Melina, seu marido José Carlos e o filho José Carlos Júnior) posam para uma foto junto com o Rev. Ronan e os irmãos Euda Guanabara e Waldemir Pires, representando a liderança local.

No domingo passado, tomou posse a primeira pastora nomeada para a Igreja de Vila Isabel, Lídia Pires Nunes Moreira. Um fato marcante na nossa História, sem dúvida. Mas, na realidade, ela foi nomeada para a nossa Congregação do Cocotá, na Ilha do Governador, trabalho missionário de nossa igreja que em breve será transferido para a I. M. de Jardim Guanabara, também na Ilha. Independente da vinculação a uma ou outra igreja, o desejo de todos é que ela seja abençoada por Deus em seu novo trabalho e que em breve ali possa surgir mais uma Igreja Metodista em nossa cidade.

Novos pastores assumem hoje

No culto desta manhã estaremos recepcionando nossos novos pastores, Revs. Edson Cortásio Sardinha e Rafael Gomes de Aguiar. O Rev. Elias José da Silva Filho tomará posse no próximo domingo, pois hoje estará recebendo a nova pastora da Igreja da Tijuca, Revda. Giselda Matos. Hoje à noite, nosso futuro ex-pastor Ronan Boechat tomará posse na I. M. do Jardim Botânico.

O que há pela Vila

- Amanhã, segunda-feira, às 19 horas, a CLAM estará reunida com os novos pastores, num encontro de oração e conhecimento mútuo. Todos devem fazer esforço para estarem presentes, convocando seus substitutos no caso de impossibilidade de comparecimento.

- No próximo sábado terá início aqui em nossa igreja mais um Curso de Formação de Evangelistas e Professores da Escola Dominical. Serão aulas semanais, nas manhãs de sábado. Inscrições e maiores informações com nossa irmã Suely Mattos.

- Na noite de ontem foi realizado aqui em nossa igreja o culto em ação de graças pela vida de nossa irmã Dulce Pinheiro Aranha, que completou 100 anos de idade. À nossa irmã Dulce, que é mãe do Ivar Aranha, o JV cumprimenta por tão expressiva data e lhe deseja muita felicidade.

- O pastor de nossa congregação em Bom Jesus do Itabapoana, Rev. Vagner Freire, será consagrado à Ordem Presbiteral da Igreja Metodista na próxima quarta-feira, às 18 horas, na Igreja do Catete. Que as bênçãos de Deus recaiam copiosamente sobre ele e seu ministério.

- De 6 a 20 de fevereiro será realizado o 28º Projeto Missionário de Férias. É destinado a pessoas que sintam o chamado missionário. Informações na Sede Regional: tel. 2557-3542.

Leia nesta edição

- **Entrevista com o Rev. Luciano Pereira Vergara** – página 2 e 3.

- **Ah!... a saúde** – artigo de Andréa Segal – página 4.

Entrevista com o Rev. Luciano Pereira Vergara

O Jornal da Vila continua entrevistando os pastores que foram transferidos para outras igrejas

JV - Fale-nos onde nasceu e algo sobre seus pais: se eram evangélicos, que profissão, etc.

Vergara - Nasci no Rio de Janeiro, primeiro filho do sargento do Exército Reynaldo Vergara, então com 22 anos, e da jovem dona de casa Maria Londersene Pereira Vergara (Dinha), de 18 anos. Reynaldo nasceu em São Carlos, primogênito do comerciante argentino Julio Vergara González, de família espanhola, e de Maria Casella Vergara, cuja família viera da Lombardia, na Itália. Dinha nasceu em Arauá, Sergipe, filha mais nova do empreiteiro sergipano José Victor Pereira e da dona de casa alagoana Dácia Sampaio da Silva. Meu pai foi um católico convicto e praticante e minha mãe tinha temor a Deus, mas não chegou a fazer a primeira comunhão. Após minha conversão, vários em minha família vieram a Cristo e eu pude pessoalmente batizar minha mãe e um irmão.

JV - Diga alguma coisa sobre sua infância, inclusive onde a passou

Vergara - Até os quatro anos, morei em Guadalupe, pois meu pai servia no Batalhão de Comunicações Divisionário (BComDiv), em Deodoro. Nesse tempo nasceu meu irmão Vladimir (1963) e vivíamos contentes. O sargento Vergara foi então transferido para o 5º Grupo de Canhões 90º Antiaéreo, em Campinas, SP. Em Campinas aprendi o gosto pelo contato com a terra e a vegetação. Foi ali que nasceu meu irmão Rodrigo (1965). Regressamos ao Rio em 1968, para Irajá, e o sargento foi estudar e, depois, lecionar na Escola de Comunicações (EsCom). Adquirimos um imóvel em Todos os Santos e nos mudamos. Em 1970, minha irmã Ana Paula foi o primeiro bebê do prédio recém-construído. Assistíamos as missas em nossa rua, na capela de um educandário católico mantido pela Paróquia Nossa Senhora de Fátima Rainha de Todos os Santos. Foi ali que eu e Vladimir fizemos a primeira comunhão. Algumas crises começaram a acontecer no casamento de meus pais. Era 1971 e o sargento foi então indicado para um curso de radares em Nova Jersey, EUA, na US Army Signal School, a escola de comunicações do exército norte-americano. Regressando em 1972, ficamos no Rio até 1973 e mudamos para Brasília, onde meu pai servia no quartel-general do Exército. As crises do casal e a saúde de Dona Dinha pioraram. Dois anos depois, minha mãe

voltou ao Rio com os filhos, na expectativa da transferência de volta do marido. Eu, Vladimir e Rodrigo fomos estudar no Colégio Militar. Reynaldo só conseguiu retornar em 1976, para o Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento (IPD), na Praia Vermelha, onde ficou pouco tempo, pois, quando voltava do Campo de Provas da Marambaia, em fevereiro de 1978, sofreu um acidente na Avenida das Américas, Barra, falecendo alguns dias depois. Aos 17 anos, o filho mais velho do sargento se viu a braços com a mãe abalada e os irmãos menores dependendo de apoio. A caçula tinha então apenas sete anos.

JV - Sua família era crente? Se não era, quando e como o Sr. se converteu?

Vergara - As crises familiares fizeram com que Dona Dinha se refugiasse na leitura da Bíblia. Ouvia programas da Igreja de Nova Vida na Rádio Relógio, mas, acanhada, não ia a nenhuma igreja. Eu acompanhava a transformação em sua vida e também fiz da leitura bíblica um novo hábito. Com a morte de meu pai, foi na Bíblia que encontrei ânimo para seguir em frente e dar o apoio que minha família precisava. Uma semana após perder meu pai, fui a uma igreja evangélica, já com o desejo de fazer parte dela. No primeiro batismo programado, inscrevi-me e fui batizado na Igreja de Nova Vida de Botafogo. Dentro de um mês, iniciei, com alguns colegas cristãos, uma associação evangélica no Colégio Militar. Ingressei na Escola Dominical e na mocidade da igreja. Foi nessa época que conheci a jovem que seria minha futura esposa, Else Amelia, uma normalista de 17 anos, filha de Dona Yara, que vinha de uma longa linha materna de protestantes dinamarqueses e pastores presbiterianos de origem paulista, sendo seu pai Aluizio de Moraes o primeiro rapaz a concluir o curso de música clássica do Rev. Albert Ream, no Instituto Bennett.

JV - Por que decidiu ser pastor? Antes exerceu alguma outra profissão?

Vergara - Após sucessivos projetos evangelísticos de que fiz parte, o gosto pela missão passou a ocupar mais o meu coração. Em um momento crucial, deixei de seguir para a academia militar e. ingressei na UERJ, para Comunicação Social. Eu e Else Amelia nos casamos em 1984 e, em 1985, comecei a estudar, paralelamente, no Seminário
(continua na página ao lado)

Entrevista... (conclusão da página ao lado)

Teológico Betel, graças a uma bolsa oferecida pelo seminário, pelas décadas de docência do Rev. Laudelino, avô de minha esposa. Habilitei-me em jornalismo e passei a lecionar cadeiras de ciências sociais no Seminário Betel. Naquele período, comecei a trabalhar com a Visão Nacional de Evangelização (Vinde) e ingressei na Associação Evangélica Brasileira (AEvB), da qual fui secretário especial e diretor executivo nacional. Meu cunhado, o pastor Aluízio Filho, e eu, trabalhamos juntos por dez anos, quando deixei a igreja que ele presidia. Em 1993, eu, Else e nossos três filhos dali saímos devido a novidades introduzidas na doutrina e nas práticas, com as quais não concordávamos. Algum tempo depois, estávamos na Igreja Presbiteriana do Riachuelo, onde me dispus a ingressar no quadro de ministros do Presbitério Guanabara. Até hoje, temos ótimo relacionamento com aquela comunidade. Mas decisões retrógradas tomadas pelo Supremo Concílio da IPB em 1998 não combinavam com nossa visão de um cristianismo contextualizado, missionário e relevante na sociedade moderna. Assim, achamos na Igreja Metodista um espaço ministerial de acordo com nossas aspirações.

JV - Onde fez o curso de teologia?

Vergara - Graduei-me bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Betel, onde também leciono há 21 anos e atualmente exerço a assistência do curso de pós-graduação em Ministérios Globais. Quando vim para a Igreja Metodista, em 1999, conversei com o Bispo Paulo Lockmann, que me aconselhou a ingressar, como membro, em uma igreja local. A família escolheu Vila Isabel. Aguardei o tempo canônico e solicitei ao Concílio Local recomendação para convalidar os estudos no curso oferecido pelo Núcleo de Teologia do Instituto Bennett, o qual concluí em 2002. Em 2004, fui a Cingapura, no sudeste da Ásia, realizar o Seminário Internacional em Liderança do Instituto Haggai. Em 2008 e 2009, cursei a pós-graduação do Betel e tornei-me assistente do curso. Minha esposa, além de licenciada em música pela Uni-Rio, também se graduou em teologia no Seminário Betel.

JV - Em que ano começou o pastorado e em que igreja?

Vergara - Minha experiência pastoral começou em 1983 em uma igreja independente, mas minha carreira pastoral na Igreja Metodista começou apenas em setembro de 2002, quando atendi ao

convite do Rev. Ronan para ajudar na congregação do Grajaú, vindo a receber minha primeira nomeação ali, em fevereiro de 2003, como candidato ao presbiterado. Em setembro de 2007, voltei para a Igreja de Vila Isabel. Em 2009, fui declarado e ordenado presbítero. Assim, na Igreja Metodista, além da então Congregação do Grajaú, estou completando a quinta nomeação em Vila Isabel e cumprirei a sexta nomeação a partir de fevereiro, próximo, a primeira na Igreja de Copacabana.

JV - O Sr. leva alguma experiência marcante de Vila Isabel?

Vergara - São tantas que é difícil selecionar uma. Mas a mais recente foi a celebração do Dia do Vizinho, em 2011, quando muitos membros da igreja se envolveram na realização do evento e se mobilizaram para convidar pessoas, com significativo aumento no número de visitantes e vários vieram ao altar para o momento de oração e compromisso com Deus.

JV - Qual a sua expectativa para a igreja que agora vai pastorear e também o seu maior desejo?

Vergara - Eu e minha esposa estamos animados para o início do novo trabalho como coadjutor na Igreja de Copacabana. Desta vez, como os filhos já são maiores, eles deverão permanecer em Vila Isabel. Mesmo assim, entendemos que o campo de trabalho na Zona Sul é muito exigente (a Zona Sul tem as menores percentagens de evangélicos) e vamos nos colocar à disposição do Espírito de Deus, para que, por sua graça, possamos ser portadores de bênçãos para aquela parte da cidade; eu, no ensino e pregação, ela, na música e com as crianças.

JV - Algo mais que deseje declarar?

Vergara - Somos muito gratos à Igreja de Vila Isabel por seu carinho e compreensão e pelo estímulo com que nos encorajou a enfrentar os desafios do ministério. A todos o nosso abraço fraterno, na certeza de sua amizade por todos os lugares onde estivermos.

JORNAL DA VILA ANO XXXI - Nº 1558

Publicado semanalmente pelo Ministério de Comunicação da Igreja Metodista de Vila Isabel - Boulevard 28 de Setembro, 400 - Rio de Janeiro (RJ).

Fundador: Carlos Valle Rego

Diretor: Roberto Pimenta

Redatores: Luiz Pimenta e Else Marie Vergara

Xerox e distribuição: Walkírio Mattos.

Ah, a saudade!

Andréa Segal da Silva

“Um dia a maioria de nós irá se separar. Sentiremos saudades de todas as conversas jogadas fora, as descobertas que fizemos, dos sonhos que tivemos, dos tantos risos e momentos que compartilhamos...”. (Vinícius de Moraes)

Saudade (sa-u-da-de) s.f - Recordação suave e melancólica de pessoa ausente, local ou coisa distante, que se deseja voltar a ver ou possuir. Nostalgia.

É de origem latina e deriva da palavra “solidão”. É a 7ª palavra mais difícil do mundo para se traduzir, conhecida apenas nas línguas Portuguesa e Galega. Em outros idiomas existem palavras com conceitos próximos, mas não tão nobres, como por exemplo: em inglês, saudade é “I miss you” que quer dizer sinto sua falta; em Francês “souvenir”, que significa lembrança; em italiano “ricordo affetuoso”, recordação afetiva; em espanhol “recuerdo ou te extraño mucho, que significam lembrança e sinto falta, respectivamente.

Recebe destaque no dia 30 de janeiro, que é o “dia da saudade”. Não é feriado, não é dia “santo”, é apenas um dia para se lembrar de sentir o que já se foi, chorar uma ausência, amar um passado esperando um futuro. Como se a saudade não fosse sentida nos outros dias também...

Saudade não tem cor, mas pode ser retradada num desenho de uma criança. Saudade não tem cheiro, mas um aroma é capaz de nos remeter a um passado distante. Saudade não fala, mas pode gritar de dor dentro do peito. Saudade não ouve, mas uma palavra pode nos lembrar do que já se foi. Saudade não tem tamanho, mas pode ser infinita. Saudade não tem gosto, mas deixa um sabor amargo na despedida. A gente não vê, não ouve, não toca... Só sente!

Músicas, versos e prosas também definem esta palavra, no seu mais amplo significado, através de rimas e sinônimos. Mas

só a saudade quando sentida, doída no fundo do peito, tem o real sentido da palavra.

E é isso que essa igreja sentirá de nossos queridos pastores Ronan, Adilson e Luciano. Ainda que fique a amizade, ainda que fiquem os laços, os telefonemas, os e-mails, as visitas, esta igreja sentirá a falta deles.

A história desta igreja foi escrita também por eles. Muitas histórias de muitas pessoas desta igreja foram escritas por suas mãos, com suas palavras, seus conselhos, seu amor.

Felizes de nós que tivemos esta experiência e felizes daqueles que poderão experimentar tê-los como amigos.

Se esta igreja os ama é porque foi muito amada por eles!

E é de saudade que choramos e de saudade vivemos, aprendendo a guardá-la num cantinho quentinho do coração para que seja alimentada, cuidada e para que não se perca no meio dos outros sentimentos. De vez em quando a visitamos, trazendo à tona tudo o que a saudade nos fizer lembrar. Depois guardamos de novo.

E assim a vida segue... Pessoas vêm e vão, lugares ficam para trás, amigos antigos se misturam aos novos, surgem novas experiências, conquistas, e a vida se renova.

Mas aquele cantinho quentinho do coração vai estar sempre ocupado por este sentimento que ora dói ora nos alegra.

Porque se não tivermos saudade o passado acaba esquecido e a história se torna uma simples lembrança sem graça.

Aos amigos, Ronan, Adilson e Luciano, que são parte da nossa linda história, o nosso amor, o nosso abraço, a nossa saudade.

“...Por isso, fica aqui um pedido deste humilde amigo: não deixes que a vida passe em branco, e que pequenas adversidades sejam a causa de grandes tempestades... Eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores... mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos!!!”. (Vinícius de Moraes)